

Virginia Woolf numa praia Amazônica: cartas e águas para Danielle Fonseca

Virginia Woolf on an Amazonian beach: letters and water for Danielle Fonseca

Vera Maria Segurado Pimentel¹ e José Mariano Klautau de Araújo Filho²

Resumo: Rumo ao Farol: o destino da palavra é tornar-se água, da artista paraense Danielle Fonseca, é uma série constituída por vídeo-poema, fotografia, objeto e ações, baseado na reflexão da Sra. Ramsey, personagem de Rumo ao Farol de Virginia Woolf, singularizado no resgate da escrita e no gesto de depositar cartas.

Palavra-chave: *Vídeo arte, correspondências, intervenções, Danielle Fonseca.*

Abstract: To the Lighthouse: the fate of the word is to become water, by Danielle Fonseca, from Pará, is a series of video-poem, photography, object and actions, based on Mrs. Ramsey's reflection, a character of To the Lighthouse from Virginia Woolf, singularized in the rescue of writing and in the gesture of depositing letters.

Keywords: *Video art, letters, interventions, Danielle Fonseca.*

1 Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA - 2022), Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA - 2012), Especialista em Linguística Aplicada ao ensino do Inglês (UNAMA - 2002), graduada em Letras - Habilitação em Inglês (UNAMA, 2002), graduada em Educação Artística (UFPA - 1985). Professora adjunta I da Universidade da Amazônia, Av. Alcindo Cacela, 287, Umarizal, Belém - PA, 66060-902. E-mail: pimentel_106@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1482-9680>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9194545686003293>. Pará, Brasil.

2 Artista, pesquisador em arte e fotografia, curador independente e professor na Universidade da Amazônia (Av. Alcindo Cacela, 287, Umarizal, Belém - PA, 66060-902). Doutor em Artes Visuais pela ECA/USP. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Curador do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, Belém desde 2010. Ele atuou como Curador convidado e Consultor de Fotografia na Pinacoteca de São Paulo (2016-2017), onde foi curador da exposição "Antilogias: o fotográfico na Pinacoteca". Como artista, participou de várias exposições, como "Triangular, A Arte deste século - Aquisições recentes acervo Casa da Cultura da América Latina (Casa Niemayer, Brasília, 2019/2020)", "Feito poeira ao vento: fotografia na coleção MAR" (MAR, 2017-2018), Pororoca, a Amazônia no MAR (MAR, 2014), Percursos e Afetos: Fotografia 1928/2011 Coleção Rubens Fernandes Junior (Pinacoteca de São Paulo, 2011), Bienal del Fin Del Mundo - Ushuaia - Argentina (2007), Desindentidad - IVAM - Valência, Espanha (2006), IX Bienal de Habana (2006) entre outras. Obras artísticas em acervos: MAM-SP, MASP-SP (Coleção Pirelli), Coleção Joaquim Paiva - MAM-RJ, Museu de Fotografia de Curitiba, MAR - Museu de Arte do Rio, MEP - Museu do Estado do Pará, entre outros. Email: marianokf@gmail.com ORCID: (<https://orcid.org/0000-0002-0061-135X>) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8786771910755876>

Introdução

Danielle Fonseca é presença importante na produção contemporânea do Pará por alargar fronteiras em trabalhos visuais cujos suportes são desdobráveis em experiências distintas porque são originadas em campos como a poesia, a música e o objeto. Produz regularmente desde o início dos anos 2000 com atuação significativa no circuito de exposições de arte no Brasil, incluindo participações em projetos no exterior.

Além do aspecto/caráter conceitual, a poética de Danielle Fonseca envolve a participação do espectador, não no sentido estrito de um interator que intervém no objeto artístico para que ele aconteça em seu aspecto tradicional, de obra manipulável. É numa dimensão mais mental, filosófica que a artista alcança o público, que por sua vez poderá experimentar uma duração mais lenta ou sutil, dependendo das ações que o trabalho venha a suscitar. Em muitos de seus trabalhos, um dos meios pelos quais a artista envolve o espectador, é a sua experiência mental a partir da apropriação de um texto literário, como é o caso da série analisada neste artigo: *Rumo ao Farol: o destino da palavra é tornar-se água*.

Ao combinar arte visual com a literatura e filosofia, Fonseca toma por base a poesia visual, em que incorpora imagens, palavras e outro componente imprescindível: a água. Seu processo de construção é híbrido e ativa deslocamentos entre linguagens e espaços cujas ações remetem muito da história pessoal da artista, sempre envolvida pelo movimento das águas.

Rumo ao farol: o destino da palavra é tornar-se água

Como pode alguém (o faroleiro) ficar dias sem receber cartas ou jornais? É na reflexão da senhora Ramsay em *Rumo ao Farol* de Virginia Woolf, que Danielle Fonseca encontra o mote para construir a série *Rumo ao Farol: o destino da palavra é tornar-se água* (2007), um projeto que intercala vídeo-poema, instalação, fotografia e se desdobra em novas configurações. Sobre o projeto, a artista afirma:

Acredito que esse trabalho seja o mais longo de todos. A passagem de tempo nesse livro foi fundamental para construção dele - que, na verdade, é feito de um vídeo, muitas fotografias e duas caixas de correspondências. A ideia é registrar essas caixas nas paisagens, e depois propor interação com o público por meio das cartas. (Vale, 2019)

A construção dos trabalhos de Danielle Fonseca é pautada em uma pesquisa contínua, a partir da leitura de um texto, um livro, uma música ou

simples palavra em sua potência s gnica. A multiplicidade de linguagens conduz a outros espaços, palavras e enunciados que se atualizam dinamicamente. Nessa perspectiva, sua obra   marcada pelo uso expandido de materiais em que as conexões intertextuais e a experiência do espectador contam mais como “materialidade palpável” do que como um só sentido condensado e materializado em objeto  nico. Portanto, as liga es entre texto, som, imagem e a es irão se manifestar em suportes distintos em que a vivência do espectador será o condutor do discurso da obra.

A artista identifica *Rumo ao Farol: o destino da palavra   tornar-se água* como um v deopoema que na concep o de Arlindo Machado,   um campo de manifesta es híbridas que veiculam som, imagem e palavra por meio de um suporte eletr nico, em que a poesia   seu objeto artístico (Machado, 2007). Fonseca articula todos esses elementos, mas acrescenta ao seu processo uma acentuada atitude performática como estratégia expansiva de significados em cenários que resgatam muito do seu repertório imaginário pessoal, como   o caso da Ilha do Mosqueiro e a praia do Farol, a 60km de Belém em que a paisagem líquida lhe oferece experiência e metáfora.

De acordo com Luciano Lima, para a constru o de um vídeo poema, algumas variáveis passam a ser tão relevantes quanto   leitura do texto, como o design da página, a intera o texto-imagem-som, os efeitos especiais, a combina o de cores e tons, o nível de interatividade etc. O autor do vídeo necessita dos conhecimentos das ferramentas tecnológicas, para auxiliá-lo na integra o do texto poético com os recursos de multim dia. Quando o autor não sabe manejá-los, o vídeo poema terá dupla autoria: a do texto e a do criador do design (Lima, 2012).

Segundo Ana Paula Ferreira:

A poesia que hoje se constitui em aparatos tecnológicos os mais diversos se endereça, inegavelmente, a antecedentes como a Poesia Concreta, o Poema-Processo [...] (Ferreira, 2011, p.35).

Danielle Fonseca revela que sua poética perpassa a Poesia Concreta, cuja influência vem da rela o com as obras de Décio Pignatari e Max Martins, este último poeta paraense que manteve, ao longo de sua produ o um interesse particular pela poesia concreta.

Quando no vídeo se inserem outras linguagens artísticas, surge um processo de contaminação, como argumenta Christine Mello (2008). A autora afirma que quando o vídeo dialoga com a música, dança, teatro, literatura e performance, este “...soma seus sentidos aos sentidos das outras linguagens (como no videoclipe, na videodança, no videoteatro, na videoperformance, na videocarta, na videopoesia, na videoinstalação e nas intervenções midiáticas no espaço público)” (Mello, 2008, p. 137). Desse modo, Mello enfatiza que não há como dissociar uma linguagem da outra, pois ocorre uma ampliação no espaço sensório.

Então, o videopoema *Rumo ao Farol: o destino da palavra é tornar-se água* contamina-se pela literatura, poesia e performance, com base em um discurso dialético, partindo de uma problemática advinda do contexto literário, associado ao vídeo e a outros campos artísticos. Portanto, e ainda na perspectiva de Christine Mello, podemos considerar que o vídeo de Fonseca é também um dispositivo que dilata a experiência espacial da obra, mas condensa e determina, por outro lado, o discurso videográfico como aproximação com o outro, o público, ou seja, o trabalho “produz manifestações dialógicas sem, contudo, deixar de existir com seus atributos particulares de códigos e linguagem” (Mello, 2008, p.138).

Na construção do projeto, a artista busca a interação com o público por meio das cartas que são depositadas nas caixas de correspondências, seja endereçada ao faroleiro, seja para a família Ramsay, para ela ou qualquer outro destinatário, isso não importa, pois o que interessa aqui é o relacionamento interpessoal que essas correspondências podem construir, a partir da presença das caixas de correspondências na paisagem, no vídeo, nos espaços expositivos. É necessário abordar a construção do vídeo, a fim de compreender a importância das caixas de correspondências e das cartas nos desdobramentos do projeto, deslocados e reconstruídos continuamente nas instalações e fotografias apresentadas nas exposições da artista.

O projeto do vídeo, como mencionado anteriormente, tem início na leitura de *Rumo ao Farol*, de Virginia Woolf. A pergunta da senhora Ramsay sobre como um faroleiro, na costa da Escócia, poderia ficar tantos dias sem receber notícias é o disparador do projeto como um todo. O pensamento da personagem aciona na artista-leitora uma espécie de deslocamento geopoético que materializa a atmosfera literária aparentemente longínqua de Woolf na inusitada imagem de caixas de correspondência na paisagem de uma zona costeira amazônica, a paisagem do Farol do Espadarte.

Fonseca (2016) questiona como um romance de Virginia Woolf desaguaria nas águas do rio Pará, sem perder seu estilo e forma? No que se assemelham os faróis e ilhas de continentes tão geograficamente distantes e diferentes? Desse modo, para a artista, em literatura, Tempo e Espaço são elementos apenas de construção e criação de uma obra de arte, o que tornam palavras e imagens de caráter universal, atemporais. De acordo com a artista:

O vídeo foi dividido em três cenas, as mesmas do livro: A Janela, O Tempo Passa e O Farol, que por ser uma leitura que proporciona grande concretude visual e clareza, livre de erudições e pedantismos, o vídeo foi composto de imagens e aglomerações simbólicas, que vão desde a narração (*off*) feita pela tradutora oficial de Virginia no Brasil, a escritora carioca, Luiza Lobo, até a música minimalista de John Cage (Fonseca, 2016).

A relação entre a literatura e o vídeo, as narrativas da obra, os cenários e os textos são frutos da pesquisa de Fonseca que busca inserir junto com imagens, a fala poética de Virginia Woolf, nos fazendo refletir sobre a solidão do faroleiro, a falta de notícias e o distanciamento geográfico do farol com o continente. Nota-se uma convergência de imagens, palavras e ações, que se interconectam, cujo suporte tecnológico é o canal de compreensão do todo. Para Christine Mello,

Isso equivale dizer que o vídeo amplia suas funções e passa a ter novas atribuições e abrangências. Passa a ser solicitado como um circuito expressivo, como um processo de significação híbrido e não necessariamente como uma linguagem compreendida em sua autonomia. O vídeo passa a ser compreendido como um procedimento de interligação midiática e a ser valorizado em seu caráter de interface, como uma rede de conexões entre as práticas artísticas. (Mello, 2008, p.36)

A janela

Em *A Janela*, o vídeo inicia com uma imagem do horizonte, do rio, a partir de uma janela, além do som das ondas, desaguando na praia, e dos pássaros no amanhecer tranquilo, sob a música de John Cage. O áudio, com a voz de Luiza Lobo, diz: “O sol ainda não nascera, o mar não se distinguia do céu, a onda parava, partia novamente, suspirando como um ser adormecido... E foi então que percebi um envelope branco, vindo lentamente

sobre as águas e o mar inteiro acendeu em ouro...”³. Surge, então, pelas águas, um envelope, de alguma carta que não chegou ao seu destino, ou que ainda esperava chegar.

Interessante nesse primeiro momento, que apesar de só aparecerem cenários e nenhum personagem, no deslocar das imagens, em que há uma sobreposição de elementos, com ondas, janelas e vegetação, há a nítida sensação de que alguém a caminhar, contempla aquele momento, pela abertura da janela. A janela, um recorte na parede plana, nesse caso, “é um espaço de relações que estabelece conexões entre vãos do olhar e dos corpos” (Caramela, 2007, p.222). Isso quer dizer que, pelos vãos das janelas, se estabelecem relações entre alguém, por trás da câmera, a contemplar o exterior, revelando a conexão interior-exterior. Nesse limite marcado pela janela é que surge também a intersecção entre dois territórios geograficamente distantes. Um novo lugar é inventado pela junção literatura e imagem visual, pela aproximação poética entre águas amazônicas e escocesas.

O tempo passa

No segundo momento, em *O Tempo Passa*, as cenas das ondas e a música de John Cage, se repetem. Porém, insere-se uma nova ação no vídeo: a instalação de duas caixas de correspondências, em ferro, na paisagem da Praia do Farol: a primeira em vermelho, escrito na frente: Tuas Cartas e a segunda, branca, instalada na água, chamada Palavra e Água, à espera das cartas direcionadas ao faroleiro. O áudio, na voz de Luiza Lobo recomeça: “Tuas cartas foram rumo ao farol, protegidas por umas hastes de vermelho incandescente, feito brasa de carvão, fazendo com que as ondas ficassem em tons de violeta”. A intenção da artista em construir as caixas de correspondências e fincá-las na paisagem foi para “...metaforicamente, o tal faroleiro poder receber cartas”. A artista argumenta:

[...]depois instalei no farol da Ilha do Mosqueiro, meu farol de referência afetiva. A carta é um meio de recuperação da escrita, de interação entre palavra e imagem [...] (Aguiar, 2015).

3 Texto de Danielle Fonseca apropriado do original de Virginia Woolf para o vídeo “Rumo ao Farol”, narrado por Luiza Lobo, tradutora do livro “Rumo ao Farol”.

Logo, nesse momento, duas ações acontecem: o vídeo e a instalação das caixas de correspondências, que resgata a interação de pensamentos e palavras materializados na escrita das cartas, que se utilizam deste objeto para atingir destinos reais ou imaginários. A artista procura ativar um modo tradicional de conexão entre as pessoas, penetrando no tempo e no espaço contemporâneos, tão saturados de tecnologia digital. Aqui, a ação de instalar as caixas de correspondência, aguardando as cartas, se insere no vídeo como elemento narrativo e como atitude performática de Fonseca (Figs.1,2 e 3). Esta parte do vídeo, denominado de *O Tempo Passa*, é um registro da ação de instalação das caixas de ferro na praia, na mesma medida que possui autonomia como obra e interface entre linguagens.

Figura 1
Caixa postal Tuas
Cartas no Farol do
Mosqueiro, 2007.
Fotografia de Danielle
Fonseca.



Figura 2
Caixa postal Palavra e
Água na Praia do Farol,
2007. Fotografia de
Danielle Fonseca.



Como elemento do processo de construção da videoarte e das instalações das caixas de correspondências, Fonseca criou um carimbo, com as mesmas palavras narradas no vídeo, usadas para marcar as cartas que apareciam nas

cenar. Posteriormente, a artista utilizou-o para marcar outras cartas, nas instalações com as caixas de correspondências que realizou em outras exposições, agora em espaços museais, que serão abordados mais à frente.

O farol

A cena desta parte do vídeo inicia com o barco rumando ao farol e dentro dele estão a artista, segurando uma das cartas, com um desenho indecifrável e muitas outras correspondências no interior do barco para o 'faroleiro'. Enquanto vai se aproximando, percebe-se que o farol, este objeto que orienta os navegantes por meio de sua luz, não é apenas de domínio do faroleiro, mas também pousada dos pássaros, que o buscam em momentos de descanso (Fig. 4).

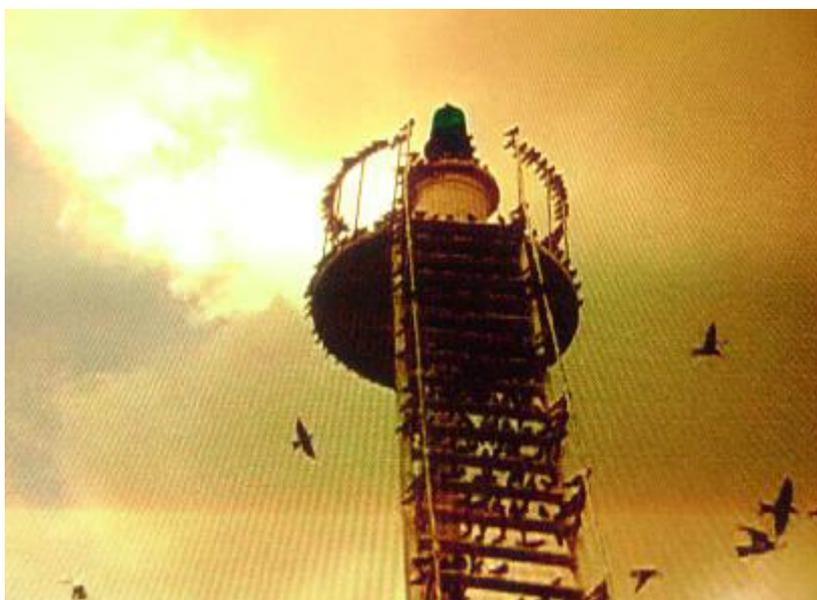


Figura 3
O Farol do Espadarte (frame do vídeo Rumo ao Farol: o destino da palavra é tornar-se água), 2007. Fotografia de Danielle Fonseca.

A cena seguinte mostra a instalação da caixa de correspondência e o áudio, na voz de Luiza Lobo reinicia: “Tuas cartas chegaram ao farol, algumas sem as hastes de vermelho incandescente, mas as palavras vieram todas, umas com restos de algas, fazendo com que as águas marrons da baía, ficassem em tons de ondas azuis”. As cenas alternam o longe e o perto do farol e, novamente, intercalando os tons de marrom e azul nas cenas, em referência ao texto, que aos poucos vai se apagando.

O vídeo revela, nesse momento, um contexto em que a distância geográfica entre Amazônia e Escócia é substituída por uma cartografia comum, uma unidade poética, onde os limites territoriais se apagam, como bem ressalta Marisa Mokarzel:

Cada ilha um farol, cada continente uma cultura, no entanto o caminho navega as águas de memória e desejos que revelam o instante íntimo independente de lugar. [...] O que faz com que a ilha do Mosqueiro abrigue o farol de Virgínia? Que Farol é este fincado na areia, na maré vazante? Do outro lado, a Caixa Postal aguarda as cartas que, no percurso das águas salgadas, deságuam no rio. [...] O vídeo não conta uma história, narra a paisagem interior, por isso mesmo o visível é maleável, moldável a cores e planos. E a cor invade o espaço sem necessitar de contornos, apenas do vício dos olhos em delinear a forma e configurar imagens acomodadas ao hábito de ver (Mokarzel, 2019).

Danielle Fonseca se apropria, por meio de um trabalho intersemiótico, das palavras de Virginia Woolf, transformando-as em cenas poéticas, em que desloca o mar azul escocês da escritora e reconfigura-o nas águas barrentas do rio Pará, como se fosse “ouro reluzente”. Nesse processo de construção, a interconexão entre o vídeo e as outras linguagens estabelecidas, contribuíram, sobremaneira, para todos os outros desdobramentos que a artista realizou e permanece realizando, a partir do projeto inicial, como obra contínua, cujo processo se revela como ação aberta ao devir.

Expansões

O trabalho *Rumo ao Farol: o destino da palavra é tornar-se água*, seguiu expandindo-se no suporte em vídeo, em fotografia e especialmente nas ações de instalação de caixas de correspondência, como dispositivo de interação com o público por meio da experiência epistolar. As caixas de correspondência, em estilo semelhante ao vitoriano, fincadas na praia amazônica do Farol do Espadarte tornaram-se o objeto de grande força simbólica - na narrativa do vídeo, na paisagem, no museu, na galeria – no trabalho de Danielle Fonseca.

Para além do Farol do Espadarte e a ilha escocesa de Virginia Woolf, os desdobramentos que o projeto possibilitou na produção artística de Danielle Fonseca são especialmente profícuos em seu caráter performativo. As caixas de correspondências se reinventaram em outros contextos e produziram novos significados, sempre com base em textos poéticos, em que a interação obra-espectador é o principal elemento.

Em 2012, iniciam diversos desdobramentos do projeto *“Rumo ao farol: o destino da palavra é tornar-se água”*, em que a caixa de correspondên-

cia “*Tuas Cartas*” se desloca, somando-se a um vídeo-poema.⁴ É nesse instante que a artista inicia a proposta: *Por favor, me escreva uma carta* e uma multiplicidade de experiências e suportes se manifestam: “O real e o imaginário fundem-se, inseparáveis transformam o objeto fotografado [...] se aproximando da pintura, se realizando no desenho, na instalação, no vídeo, transformando-se pela sobreposição, pelo insolar da película ou do papel sensível” (Mokarzel, 2012).

Inserida na série *Por favor me escreva uma carta*, a caixa de correspondência com a inscrição “Palavra e Água” também construída para ser usada no mesmo vídeo poema, inicia o seu deslocamento como instalação por outros solos museais, onde a artista começou a receber cartas dos visitantes, como também é o caso da caixa *Tuas Cartas* (Fig.5), no Salão Arte Pará⁵, em 2013 com a instalação *É claro que amanhã fará um dia bonito*. Segundo a artista,

Já instalei em diversos lugares e sempre recebo no final da instalação as cartas mais diversas. A maioria escreve para o faroleiro (risos). Estou guardando as cartas, ainda não utilizei em trabalhos, mas há retornos ótimos, como uma menina que escreveu que depois de ver a obra, havia comprado as obras de Virginia Woolf. Houve, enfim, uma comunicação entre nós. Fez a obra valer a pena (Aguiar, 2015).

A série *É claro que amanhã fará um dia bonito* é um desdobramento do vídeopoema com fotografias, registros do vídeo, a caixa de correspondência com as inscrições “*Tuas Cartas*” e o capricórnio, signo do zodíaco da artista e símbolo dos faroleiros.

O trabalho fez parte da primeira individual da artista, “*Contraia os olhos: subitamente o ar parece estar mais salgado*” (2013), na Galeria Kamara Kó, em Belém e foi selecionada para a “*II Mostra do Programa de Exposições*” (2015), no Centro Cultural São Paulo, em São Paulo.

4 A primeira experiência de deslocamento para espaços internos ocorreu na exposição “Coletivo/Individual Kamara Kó” realizada na Galeria de Artes do Centro Cultural Brasil Estados Unidos, em Belém, com trabalhos de 14 artistas, todos agenciados pela galeria.

5 O mais antigo e importante salão de arte da região com 40 anos de existência, promovido pela Fundação Rômulo Maiorana.



Figura 4

É claro que amanhã
fará um dia bonito –
Instalação - Arte Pará,
2013. Fotografia de
Danielle Fonseca.

Para a instalação no *Arte Pará*, o texto da artista publicado no catálogo da exposição, indicia não somente a estratégia de construção dos seus objetos e das operações de interação e compartilhamento com o público por meio da escrita de cartas, mas igualmente a potência conceitual que a literatura alcança na experiência da leitora Danielle Fonseca e como tal fenomenologia da leitura determina e aciona a visualidade em seu trabalho:

É claro que amanhã fará um dia bonito (*Yes, of course it's fine tomorrow*). A frase cheia de esperanças que inicia o livro *To the lighthouse* de Virginia Woolf, talvez compactue com a ideia de que todas estas fotografias que aqui apresento são fruto de uma estratégia, um acontecimento, uma esperança orquestrada por mim, com o único propósito de criar uma imagem ou uma palavra. A caixa-de-correspondências aqui apresentada foi construída em 2007, em resposta a um questionamento da Senhora Ramsay, personagem central do livro “como poderia alguém gostar de ficar trancado um mês inteiro, num rochedo perdido no meio do mar – e ainda mais se o tempo estivesse ruim? Perguntou-se ela. Não receber cartas ou jornais, não ver ninguém”. O objeto idealizado é a resposta a Ms. Ramsay, mas também é meio de dúvidas e hipóteses, não só ao expectador comum, sobretudo a mim, observadora. – É claro que amanhã fará um dia bonito – disse a Sra. Ramsay. – Mas vocês terão que madrugar – acrescentou. Essas palavras trouxeram uma extraordinária alegria a seu filho, como se a excursão já estivesse definitivamente marcada. Após a escuridão de uma noite e a travessia de um dia, o desejo – por tantos anos aspirados – era agora tangível. Escreva uma carta, leve um envelope, seja o carteiro do faroleiro (Fonseca, 2013).

Para essa exposição, a artista apresenta fotografias da ação do vídeo *Rumo ao Farol*, na praia do Mosqueiro e a instalação da caixa de correspondência. Nota-se que tanto as imagens, quanto a caixa de correspondência são simbologias representativas ao texto de Virginia Woolf, que se reinventam a cada nova exposição da artista. O público, que faz parte do processo interativo da instalação, é mutante nos diferentes espaços em que as obras se instalam, o que possibilita novas configurações, outras interações por meio de mensagens que escrevem e depositam nas caixas de correspondências, a partir do resgate da escritura das cartas, do resgate de uma tradição que para Fonseca desenvolve a escrita, materializa o pensamento dos seus interlocutores e constrói elos. Para Bourriaud:

“esse regime de encontro casual e intensivo [...] acabou criando [...] uma forma de arte, cujo substrato é dado pela subjetividade e tem como tema central o estar-juntos, o “encontro” entre observador e quadro... (2009, p. 21)”

Neste caso, entre o público e o objeto. Marcel Duchamp já afirmara que “é o espectador que faz a obra”, o que indica uma preocupação com a recepção (Plaza, 2003). Logo, por meio da fruição entre os espectadores e as caixas de correspondências, produz-se um diálogo e um ‘encontro’ entre os diferentes remetentes das cartas e a artista, mesmo que o destino da correspondência seja alguém imaginário.

Em 2015, a partir da apropriação da frase *escreva cartas doces e azedas*, do poema *Duas Antigas*, inserida no livro *A teus pés* (1998) de Ana Cristina Cesar, Fonseca constrói outra caixa de correspondência para uma instalação em Mosqueiro. Mais uma vez, seu trabalho visual e a poesia de Ana Cristina C. estão imbricadas. Assim, Danielle expõe “Nestas Circunstâncias o Beija-flor Vem Sempre aos Milhares”, instalação de fotografias e objeto na Galeria Kamara Kó como parte do Projeto Circular⁶, em 29 de novembro de 2015.

6 Projeto Circular É uma rede de parceiros atuantes nas áreas de arte e cultura dentro do Centro Histórico de Belém e em seu entorno imediato. Com origem na sociedade civil, o Projeto Circular Campina Cidade Velha foi criado em 2013, por iniciativa de um pequeno grupo de agentes culturais independentes ali instalados, com o objetivo de resgatar as relações de vizinhança desse Centro Histórico impactado por problemas de violência e ausência das políticas públicas. Atualmente, somos mais de 40 espaços, projetos e ações socioculturais em atuação nesse território

É notável como de uma palavra ou pequena frase, a artista tece e articula novas conotações semânticas, resignificando-as em diferentes contextos, espaços e tempo.

“...Gosto muito do concretismo na literatura, o que me ajudou a quebrar um pouco a interpretação literal. No caso da Ana C. César, esse poema me persegue há longos anos. Somente agora me senti à vontade para pensá-lo plasticamente” (Aguiar, 2015).

A artista se apropria de outra frase de Ana Cristina Cesar, do poema com mesmo título e escreve: “ - Já nos conhecemos? - Sim, nos conhecemos há uns vinte anos atrás, começamos a trocar cartas, correspondências... todas incompletas”. A imagem acima (fig.6) foi registrada na exposição do Projeto Circular, na galeria Kamara Kó e apresenta uma nova caixa de correspondência com a inscrição de um beija-flor e a frase *Cartas e beija-flores aos milhares*, instalada no pequeno jardim da galeria. Com um grande teor poético, a obra, mais uma vez, possibilitou interação com o espectador, por meio das escrituras das cartas, como visto nas imagens abaixo.

“nestas circunstâncias o beija-flor vem sempre aos milhares”

Este é o quarto Augusto. Avisou que vinha. Lavei os sovacos e os pezinhos. Preparei o chá. Caso ele me cheirasse... Ai que enjoo me dá o açúcar do desejo (CESAR, 2013)

Portanto, há uma nova construção e configuração do processo iniciado com o vídeo poema *Rumo ao Farol* e, de novo, o objeto criativo é pautado na interação autor-obra-espectador. A arte (práticas derivadas da pintura e da escultura que se manifestam sob forma de exposição) é propícia à proximidade, pois ela estreita o espaço das relações (Bourriaud, 2009).

O público (fig. 8) continua sendo o protagonista da ação, por meio das cartas que dialogam com a artista, como se ela incorporasse o papel dos personagens nos textos apropriados, ao solicitar, silenciosamente, que escrevam cartas, doces ou azedas, sentimentais ou poéticas, sobre solidão ou congregação ou apenas pequenas mensagens momentâneas. Segundo Fonseca, já são 10 anos de cartas guardadas, que apesar de ainda não terem sido utilizadas em nenhum projeto, há intenção para tal.⁷

7 Entrevista realizada com Danielle Fonseca em 04 de julho de 2019.



Figura 5
Instalação Nestas
Circunstâncias o
Beija-flor Vem Sempre
aos Milhares, Kama-
ra Kó Galeria 2015.
Fotografia de Danielle
Fonseca.

Bourriaud argumenta que “a arte é o lugar de produção de uma sociabilidade específica [...]”. Para o autor, “a arte contemporânea[...] favorece um intercâmbio humano diferente das ‘zonas de comunicação’ que nos são impostas” (BOURRIAUD, 2009, p.21). Julio Plaza chama de “arte da participação”, cujo objetivo é encurtar a distância entre autor e espectador, quando este se vê induzido à manipulação e exploração do objeto artístico ou de seu espaço (2003).

Para o 24º Salão Anapolino de Artes,⁸ em 2019, Danielle Fonseca apresentou a instalação *Por favor me escreva uma carta*, cujo título incorporou, dessa vez, referências a Caetano Veloso e sua composição *Maria Bethânia*, na qual pede à irmã, em inglês, que lhe mande uma carta.⁹ Na exposição, a caixa de correspondência foi instalada em uma parede de fundo verde e próximo havia uma mesa e cadeiras, com papéis e envelopes, utilizadas pelos visitantes para produzir suas cartas. Com base no título, pode-se inferir que a artista estabelece uma nova relação, um novo diálogo nas diferentes mostras, a partir de compartilhamentos que possibilitam vínculos (Bourriaud, 2009).

8 SALÃO ANAPOLINO DE ARTES. Disponível em: <http://picdeer.com/salaoanapolino>. Acesso em: 01 ago. 2019.

9 A música de Caetano Veloso, “Maria Bethânia”, foi composta em 1971 para o álbum “Caetano Veloso”, gravado durante o seu período de exílio em Londres. Danielle se apropria da frase “Maria Bethânia, por favor me mande uma carta; preciso saber se as coisas estão melhorando” (tradução nossa. No original: Maria Bethânia, please send me a letter, I wish to know things are getting better) e a inscreve na caixa, juntamente com imagens de abelhas, que conectam a música “Mel”, do repertório da cantora. Na solicitação, Caetano Veloso ansiava por notícias que minimizassem a distância geográfica e a solidão durante os anos de vividos no exterior.

Inédito até o Salão Anapolino, *Por favor, me escreva uma carta* (Fig. 9) também foi apresentado em seguida em projeto coletivo na Galeria Kamara Kó¹⁰. A caixa de correspondência, mais uma vez, se deslocou para outro espaço, em busca de novas cartas e remetentes e de outras palavras, na contínua interação com o público, no desejo da artista pela escrita como exercício e elemento possível para o encontro:

Que tempos, não! Acham que é o tempo de voltar as cartas? Sempre que crio uma nova caixa-de-correspondências me pergunto a respeito. Aliás, escrever de próprio punho tem sido um exercício físico, de manutenção da grafia e de reconhecimento da própria letra (que anda terrível). Bom, não acredito que tempo seja o de voltar a escrever cartas, mas talvez de reservar um tempo a elas. Tempo, esse senhor tão bonito. Talvez por isso, as palavras de Caetano Veloso agora estejam gravadas nesta placa de aço, como um apelo permanente, um pedido a ser fixado na memória, *Maria Bethânia please send me a letter i wish to know things are getting better. [...]* O trecho escolhido para a placa de aço da caixa, é uma referência, mas também é um convite, não exatamente à Maria Bethânia (bem que eu queria), mas a vocês e ao espectador, então Por favor me escrevam uma carta, eu preciso acreditar que as coisas vão melhorar. E vocês não? Abraços, Danielle Fonseca.¹¹

Percursos em processo contínuo

Nos trabalhos com as caixas de correspondências, aqui analisados, o protagonismo das instalações se baseia na intervenção do público, que segundo Edmond Couchot, “dá à obra existência e sentido”, pois “[...] instalando o espectador no centro da obra, o artista o convida a adotar uma atitude diferente diante dela[...]”, já que “[...] é o corpo inteiro do observador e não mais somente o seu olhar que se inscreve na obra, enquanto esta ganha em extensão” (Domingues, 1997, p.136). Portanto, é o público, que estimulado pelas palavras e expressões que a artista se apropria e inscreve nas caixas postais, incorpora o processo interativo e, subjetivamente, o desenvolve, por meio das cartas escritas e depositadas. Os espectadores, ao enviarem suas mensagens, dialogam com a artista, que busca com essa intervenção, resgatar o prazer epistolar, que na era digital, foi substituído por comunicações instantâneas e abreviadas.

10 Quarta edição do Projeto Minha Primeira obra, na Galeria Kamara Kó em Belém, no dia 4 de agosto de 2019

11 Texto apresentado junto a obra na exposição Minha Primeira obra do Projeto Circular em Belém, 4 de agosto de 2019, na Galeria Kamara Kó.

As caixas postais vêm perdendo sua função real de guardar as correspondências, depositadas pelos carteiros, para serem objetos meramente decorativos e obsoletos. Porém, ao deslocá-las para o interior de galerias e museus, esses objetos renascem por meio das relações construídas pelos visitantes, que escrevem suas mensagens e as depositam no seu interior.

A série que reúne esses diversos trabalhos possibilita a Danielle Fonseca a reinvenção de um modelo perdido no tempo, que se renova a cada diferente apropriação e transita por diversos espaços, seja em terra, na água, ao ar livre, nos jardins ou dentro de quatro paredes, dos espaços expositivos. O processo não se esgota aqui e segundo a artista, uma nova caixa postal já está pronta para outra construção, ainda sem palavras.

O lugar de Fonseca na produção contemporânea do Pará é importante por expandir os limites entre os suportes e conectar as linguagens verbais aos visuais em uma perspectiva filosófica e participativa. No caso dos projetos ligados às correspondências, o elemento água, substância líquida e natural, característico da região amazônica, origem da artista, se transforma em águas continentais, atravessa oceanos e liga mapas distantes. A água, já na condição de elemento poético (sem desfazer-se de sua condição primeira) convoca o espectador a partilhar certa fenomenologia de leitura da artista em que as experiências verbais, mentais, performáticas se manifestam mutuamente ativando as participações.

No campo dos estudos sobre seu processo criativo, existe uma analogia possível entre o uso do vídeo como suporte e o elemento água no sentido conceitual a ser mais investigado, posteriormente, no que se refere especificamente à noção de “imagem geradora”. O vídeo, como estrutura e discurso, e a água como elemento vital e abstrato são componentes que permitiram ativar todo um conjunto de trabalhos e fazer fluir linguagens distintas que marcam a poética da artista. Nesse sentido, seu trabalho circula por outros centros brasileiros por revelar uma pesquisa constante sobre o objeto artístico, somada a uma atitude de recusa de limites geográficos que aprisionam os trabalhos em identidades regionalizadas.

Danielle Fonseca criou uma identidade artística bastante singular em que água e palavra se misturam por meio da experiência literária e filosófica. Seus trabalhos visuais possuem um enredo potencializado na experiência híbrida porque respondem justamente ao desejo múltiplo do encontro como experiência da arte. A arte para ela é um modo especial de aproximação do outro. Então pedimos: *Por favor, escreva uma carta para Dani.*

Referências

AGUIAR, Gustavo. Mostra coletiva abre hoje na Kamara Kó Galeria, em 29 de novembro de 2015. In: DOL – Diário On Line Disponível em: https://www.diarioonline.com.br/_/noticia-351884-mostra-coletiva-abre-hoje-na-kamara-ko-galeria.html. Acesso em: 29 jul. 2019.

BLOCO DE NOTAS. Ana Cristina Cruz Cesar. Disponível em: <https://boni.wordpress.com/2018/06/02/215/>. Acesso em: 30 jul. 2019 .

BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARAMELLA, Elaine. A janela como moldura de espacialidades. In: D’ALESSIO, Lucrecia. Espaços Comunicantes. São Paulo: Annablume, 2007.

CESAR. Ana Cristina. Duas Antigas. In: CESAR. Ana Cristina C. A teus pés. — 1. ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CESAR, Ana Cristina. “nestas circunstâncias o beija-flor vem sempre aos milhares”. In: CESAR, Ana Cristina. Poética. 1. ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

COUCHOT, Edmond. A arte pode ainda ser um relógio que adianta? O autor, a obra, o espectador na hora do tempo real. Trad. Gilse Boscato e Diana Domingues. In: DOMINGUES, Diana (org.). A Arte no Século XXI: A Humanização das Tecnologias. São Paulo: Unesp, 1997.

CULTURA E FUTEBOL.WORDPRESS.COM. II Mostra de exposições 2015 no Centro Cultural São Paulo. Disponível em: <https://culturaefutebol.wordpress.com/2015/10/18/ii-mostra-do-programa-de-exposicoes-2015-no-centro-cultural-sao-paulo/>. Acesso em: 29 jul.2019.

DIARIO ON LINE (DOL). Mostra coletiva abre hoje na Kamara Kó Galeria, em 29 novembro de 2015. Disponível em: https://www.diarioonline.com.br/_/noticia-351884-mostra-coletiva-abre-hoje-na-kamara-ko-galeria.html. Acesso em: 23 jul. 2019.

FONSECA, Danielle. É claro que amanhã fará um dia bonito. In: Catálogo Arte Pará, 2013. Disponível em: <https://www.mediacentriliberal.com.br/pdf/ARTE%20PARA%202013.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

FONSECA, Danielle. Rumo ao farol. In: YOUTUBE. DaniFonsecaChannel. Publicado em 8 de abr. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=egOyHyX738g>. Acesso em: 20 jul. 2019

FERREIRA, Ana Paula. Espaço e ambiência em poesia digital. In: O EIXO E A RODA: Revista de Literatura Brasileira. v. 20, n. 2, Belo Horizonte, 2011.

G1PARÁ. Danielle Fonseca abre primeira mostra individual, em Belém, em 06 agosto 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/08/danielle-fonseca-abre-primeira-mostra-individual-em-belem.html>. Acesso em 27 jul. 2019.

LIMA, LUCIANO. O vídeo-poema como performance: Movimento e corporeidade virtual da palavra. In: TABULEIRO DAS LETRAS, Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens. UNEB. Ano 1, n. 1, 2012 Disponível em: http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_01/pdf/artigo_vol01_04.pdf. Acesso em: 24 jul. 2019.

MACHADO, Arlindo. Arte e mídia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. Coleção Arte Mais.

MELLO, Christine. Extremidades do Vídeo. São Paulo: Ed. SENAC, 2008.

MOKARZEL, Mariza. Em frente às ilhas: O farol. Texto crítico. Publicado na plataforma ISSUU.COM. Disponível em: https://issuu.com/daniellefonseca/docs/texto_critico_rumo_ao_farol. Acesso em 26 jul 2019.

MOKARZEL, Mariza. Texto de curadoria da exposição Coletivo/Individual Kamara Kó. In: FLAVYA MUTRAN'S WEBLOG. Coletivo/Individual Kamara Kó” inaugura pauta de exposições na Galeria de Arte do CCBEU, em Belém/PA. Disponível em: <https://flavyamutran.wordpress.com/2012/01/31/coletivoindividual-inaugura-pauta-de-exposicoes-na-galeria-de-arte-do-ccbeu-em-belempa/>. Acesso em: 30 jul. 2019.

PLAZA, Júlio. Arte e interatividade: autor-obra-recepção. In: ARS (São Paulo) vol.1 no.2 São Paulo Dec. 2003. Disponível em: SCIELO. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202003000200002. Acesso em: 28 jul.2019.

PIPA. A JANELA PARA A ARTE CONTEMPORÂNEA. Danielle Fonseca. Dis-

ponível em: <http://www.premiopipa.com/pag/danielle-fonseca/>. Acesso em: 23 jul. 2019.

POESIA CONCRETA. O projeto verbivocovisual. Disponível em: <http://www.poesiaconcreta.com.br/poetas.php>. Acesso em: 24 jul. 2019.

24º SALÃO ANAPOLINO DE ARTES. Disponível em: <http://picdeer.com/salaoanapolino>. Acesso em: 1º ago. 2019.

VALE. Bruna. Sentidos em Forma de Arte. In: LIV Leal Moreira. Disponível em: http://www.lealmoreira.com.br/revista/conteudo/sentidos_em_forma_de_arte. Acesso em: 19 jul. 2019.

WOOLF, Virginia. Rumo ao Farol . Tradução de Luiza Lobo. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.

Recebido em 10 de maio de 2023 e aceito em 31 de maio de 2023

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

